

## Archimedes Ribas Amazonas e Carmen Lúcia Castro Lima

*Archimedes Ribas Amazonas* é Graduado em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (2005). Mestre em Cultura e Sociedade pela FACOM/UFBA (2008). Tem experiência na área de Museologia. Atuando principalmente nos seguintes temas: gestão cultural, imagem, marketing cultural, museu, público. Consultor do Instituto Anísio Teixeira da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Aprovado em Concurso Público para Professor Assistente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). **Carmen Lúcia Castro Lima** possui graduação em Bacharel em Economia pela Universidade Federal da Bahia (1993) e mestrado em Economia pela Universidade Federal da Bahia (2000). Atualmente é Doutoranda em Cultura e Sociedade da Ufba, Professora Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia, Diretora de Fomento da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e Professora assistente licenciada da Universidade Católica do Salvador, atuando principalmente nos seguintes temas: Salvador, Economia da Cultura, Arranjos Produtivos Locais e indústria criativa.

# MUSEUS E DESENVOLVIMENTO LOCAL: TERRITÓRIO E COMUNIDADE

Archimedes Ribas Amazonas e Carmen Lúcia Castro Lima

## Resumo

O artigo utiliza a abordagem da aglomeração, discute sua aplicação ao segmento cultural e mais especificamente aos museus, apresentando os impactos dessa concentração. Mostra como os museus podem contribuir na construção da coesão social e no desenvolvimento local e das comunidades, destacando a importância dos museus e dos vários agentes, públicos e privados, atuarem em uma rede plural.

**Palavras-chave:** Aglomeração, Bens culturais, Comunidade, Museus, Território

## Abstract

The article uses the clustering approach as it discusses its application on the culture sector and more specifically on museums, presenting the consequences of this gathering. It shows how the museums can contribute in building a social cohesion and in communities and local developments, highlighting the importance of museums and various stakeholders, private or public, operate in a multiple network.

**Keywords:** Clustering , Cultural goods, Community, Museums, District

## Introdução

Durante o declínio da indústria de transformação, nos anos 1970 e 1980, surgiram áreas espaciais e socialmente distintas, lugares ou zonas ocupadas por artistas, artesãos, *designers*, músicos e produtores culturais de todos os tipos. Essa legião tem crescido em "comunidades criativas", cujos membros tendem a colaborar, partilhar recursos e fomentar atividades de produção cultural. Estes agrupamentos organicamente desenvolvidos, freqüentemente, são concentrações geográficas situadas em antigos sítios industriais, onde é possível retirar idéias e inspirações por meio da criação de redes.

Mais diretamente relacionada a processos de reconversão urbana, tal configuração de aglomerações de atividades culturais proliferou no mundo. Yúdice (2004) cita os exemplos de Bilbao, no País Basco, e da cidade de Peekskill, em Nova Iorque. Em Bilbao, seus líderes realizaram investimentos em infra-estrutura cultural para atrair turistas e lançar as bases de uma complexa economia. Em Peekskill, o conselho municipal criou um bairro artístico e ofereceu incentivos para atrair artistas para ali fixarem.

O presente artigo objetiva discutir a importância cultural, social e econômica dos museus nas propostas e projetos de desenvolvimento e de revitalização de áreas urbanas degradadas. Será apresentado, também, que os museus, como equipamentos culturais integrantes de uma rede plural e conectados com outros setores, são capazes de atrair público e auxiliar no desenvolvimento do território e de sua população.

Além dessa introdução, serão discutidas as tendências de aglomeração das atividades culturais e sua relação com os museus. A seguir será apresentado como os museus podem colaborar para a coesão e desenvolvimento das comunidades e dos territórios. Por fim, são feitas as considerações finais.

## As Atividades Culturais e as Tendências de Aglomeração

No atual paradigma tecnoeconômico, a geração de conhecimento é um fator decisivo para a acumulação. A criação, a aquisição e o uso deste possuem características específicas em cada contexto social, cultural, institucional e político, significando que eles são localmente determinados. Diante disso, pode-se inferir que a proximidade geográfica favorecerá o estabelecimento de relações que aumentariam a aprendizagem, a cooperação e, especialmente, a coesão social. O recorte analítico das aglomerações passou a ser um importante referencial de análise para os setores intensivos em conhecimento. Esta perspectiva permitiria

uma melhor compreensão das atividades cujos agentes compartilham os mesmos contextos social, cultural e institucional, pois, forneceria pistas de como são organizadas as cadeias produtivas e engendradas as redes de criação e confiança, segundo muitos dos estudos desenvolvidos dentro dessas abordagens.

As vantagens da aglomeração foram inicialmente apontadas por Marshall (1982), a partir da experiência dos distritos industriais da Inglaterra no século XIX. Marshall (1982) procurou compreender como a concentração de firmas em uma mesma região poderia prover, ao conjunto de produtores, vantagens comparativas que não seriam verificadas se eles estivessem atuando isoladamente. Utilizando o conceito de retornos crescentes de escala, afirmou que as firmas são capazes de se apropriar de economias externas geradas pela aglomeração de produtores. As economias externas podem ser traduzidas pelas vantagens advindas apenas da concentração geográfica e setorial em si, tais como: concentração de mão-de-obra especializada, endogenização de habilidades e conhecimentos, instituições de ensino, ganhos de infra-estrutura, fortalecimento do setor de serviços, consumidores, provisão de bens coletivos, o conhecimento tácito criado em torno do setor e ganhos de informação sobre outras firmas do aglomerado (Marshall, 1982).

Atualmente, há vários enfoques relacionados ao tema de aglomerações, incluindo: (1) os que se inspiram na experiência dos distritos industriais; (2) os que se baseiam na natureza localizada da inovação tecnológica na dinâmica industrial; (3) os que se fundamentam na economia regional para estabelecer relação entre geografia econômica e desempenho industrial; (4) os que focalizam as estratégias das empresas na busca por vantagens competitivas geograficamente restritas; (5) o enfoque da nova geografia econômica (Suzigan, 1999).

A abordagem de aglomerações é instigante para analisar processos de desenvolvimento e políticas correlatas, ao enfatizar a dimensão territorial, os processos de criação, aquisição, uso e difusão de conhecimento, bem como a diversidade de atividades e as coesões econômicas, sociais e políticas dos agentes envolvidos. Este enfoque tem sido utilizado, principalmente, no estudo das atividades produtivas de transformação industrial. Contudo, mais recentemente, começou a ser aplicada para as atividades de serviços.

Uma característica comum, verificada em muitos países, é que os segmentos culturais tendem a se aglomerar em certos locais ou regiões. Estas desenvolveriam uma diversidade de relações sociais, baseadas na complementaridade, na interdependência e na cooperação. A ênfase no território é, no caso do setor cultural, considerada até mesmo mais importante que nos demais setores. Isto se deve ao fato das atividades culturais possuírem uma forte identidade territorial, enraizadas espacialmente em torno de heranças históricas, sendo, portanto,

fortemente condicionadas pelas especificidades locais. Diante do exposto, esse referencial tem sido uma das ferramentas através da quais os formuladores de política e estudiosos têm procurado entender a dinâmica do segmento cultural. O apoio a agrupamentos culturais é apontado como uma das opções de política de desenvolvimento local ou regional, pois, estes conseguiriam conjugar vários elementos importantes: (i) forças socioeconômicas, institucionais e culturais locais; (ii) grande número de pequenas e médias empresas locais; (iii) impactos ambientais limitados; e (iv) internacionalização da economia local, por meio do fluxo de valores e informações, sem que ocorra um dilema em relação ao desenvolvimento territorial. Além disso, vem representando uma alternativa de política cultural, tanto para a reconversão como para a revitalização de antigas áreas industriais e residenciais degradadas.

Mommas (2004) ainda observa, a partir da análise das experiências européias, que existem cinco justificativas dos poderes públicos para utilizar os agrupamentos como instrumento de políticas culturais e de desenvolvimento urbano, quais sejam: fortalecer a identidade e o poder de atração para os mercados locais; fomentar a abordagem empresarial da arte e da cultura; estimular a inovação e a criatividade; encontrar novas formas de utilização de imóveis e regiões abandonadas e estimular a diversidade e a democracia culturais.

As aglomerações culturais aparecem com uma grande variedade de origens e formatos. Deste modo, elas podem ter começado em alguns lugares a partir de colonos ou de grupos informais de produtores culturais que transformam o local em uma alternativa cultural. Outros agregados foram estimulados por investidores privados porque reconheceram que é importante a vibração cultural em uma área para atrair determinado segmento de consumidores e novos habitantes. Algumas aglomerações nascem de um planejamento estatal com a intenção de revitalização urbana e fomento à economia local criativa.

### **Aglomerações Culturais e os Museus**

Nos últimos anos, os distritos culturais tendo como núcleo os museus têm sido objetos de muitos estudos e investigações. Os distritos culturais são áreas espacialmente distintas e limitadas, com alta concentração de ofertas culturais, tanto em termos de consumo quanto de produção (Vaz, 2004). Essas áreas contêm a maior concentração de patrimônio e de equipamentos culturais e de entretenimento dentro da cidade - como monumentos, museus, teatros, cinemas, estúdios, galerias de arte, salas de concertos, livrarias, cafés, restaurantes. O desenvolvimento de distritos culturais seria importante por dois motivos. Em

primeiro lugar, há indícios que este tipo de agrupamento tem um impacto positivo sobre a produção cultural em que os artistas e outros empresários culturais tendem a interagir, aprender, competir, e testar as suas idéias. Em segundo lugar, existe uma forte evidência de que o conjunto de ligações destas concentrações de atividades culturais tem um efeito positivo sobre a qualidade de vida da comunidade.

Santagata (2002) discute que os Distritos Culturais de Museu são formas mais explícitas de bairro cultural que são construídas em torno de redes ou dentro de um museu artístico da comunidade. Estes distritos estão, geralmente, localizados nos centros históricos urbanos. A sua densidade, por si só, gera efeitos sistêmicos que atraem visitantes e turistas. A capacidade de atingir uma massa crítica é a condição essencial para o sucesso.

Um museu em um bairro cultural é, em geral, o produto de uma política pública. Para Santagata (2002) os ingredientes básicos para um museu, na área cultural, é a presença de uma cultura local incorporada ao capital humano e as coleções dos museus. Além disso, é necessária uma iniciativa institucional cujo resultado seja um planejamento da cidade preciso, orientado para a valorização econômica da região e por meio de uma rede inovadora do patrimônio histórico e artístico da cidade.

Ao pesquisar o público universitário dos museus em Salvador-Bahia, Amazonas (2009) comenta que os museus mais conhecidos e visitados da cidade foram, principalmente, os localizados na Vitória e na Barra, dois bairros próximos ao Centro Histórico, e os situados no Pelourinho, no próprio Centro Histórico. Essas áreas além de contarem com um número bastante significativo de museus, são as localidades que possuem a maior concentração de equipamentos culturais e uma das melhores infra-estruturas da cidade.

Lazzeretti (2004, 2003) discute o papel de um museu em cidades como a de Florença, na Itália. A autora introduz o conceito de cidade-arte como um "sistema local de elevado nível cultural" (*HC Local System*). Tal sistema é caracterizado pela presença no mesmo território de elevados dotes artísticos, naturais e culturais, que o identifica como um lugar de alto nível cultural (*HC Place*). Além disso, é formado por uma rede de atores econômicos, não econômicos e institucionais que desenvolvem atividades de conservação, valorização e gestão econômica de tais recursos e que, em seu conjunto, representam um agrupamento de "alto nível cultural da cidade".

Em tal contexto, a cidade pode ser vista como uma unidade territorial dentro da qual o desenvolvimento econômico, redes sociais, culturais e políticos ocorrem. Essencialmente, a presença de recursos artístico-cultural, seja material ou imaterial, pode construir uma base favorável para o desenvolvimento de um "ambiente

criativo". Partindo da hipótese de que uma cidade de arte caracteriza-se pela presença de um notável patrimônio artístico cultural e ambiental e com um forte valor simbólico, ela pode ser também um local capaz de atrair capital criativo. Embora muito celebradas, as iniciativas de apoio às aglomerações culturais são, também, alvo de críticas porque estão muitas vezes vinculadas à expulsão das populações originais, em um processo atualmente denominado de gentrificação, limitando a mobilidade das minorias (Peterson, 1999 *apud* Yúdice, 2004, p. 39-40). Duplat e Espinheira (2006) constatam que as políticas de enobrecimento urbano modificam os significados de uma localidade histórica, fazendo do patrimônio cultural um segmento do mercado como se não constituíssem lugares identitários de determinados grupos sociais antes dessas intervenções. No próximo item, discutem-se exemplos de como os museus podem auxiliar na coesão, valorização e desenvolvimento das comunidades e dos territórios, atraindo o público e participando de uma rede plural.

### **Museus e suas Conexões**

Ao estudar a importância dos produtos culturais para a economia canadense e as suas diferenças para os produtos tradicionais, Dayton-Johnson (2000) afirma que o patrimônio e os produtos culturais contribuem para o diálogo e formação da identidade nacional. Ele ressalta, ainda, a importância destes para a construção da coesão social, seja através de redes sociais, normas de reciprocidades ou estimulando a atividade econômica.

Apesar dos museus atuarem, principalmente, como prestadores de serviço, os mesmos são considerados como produtos culturais pelo Departamento do Patrimônio Canadense (Dayton-Johnson, 2000). São equipamentos responsáveis pela guarda e proteção de um vasto e amplo patrimônio cultural, dentre outras funções.

Omar (2005) fala que na atualidade, os espaços dos museus não são mais determinados exclusivamente pelos objetos e podem ser utilizados em diversas atividades, sejam elas, culturais, pedagógicas ou como foro de debate comunitário. O museu se tornou um espaço de fomento e desenvolvimento de novas ações e de integração social.

Diversas exposições são organizadas com temas de relevância social e de interesse das comunidades nas quais os museus estão inseridos. São exemplos: a utilização da flora local com fins medicinais, a população de rua, a poluição industrial e seus impactos ambientais, as diversas formas de artesanato, além de outros mais sensíveis politicamente, como emprego, segurança e reforma agrária. Essa prática

museológica é referenciada no estudo do patrimônio comum e da identidade compartilhada, estando em consonância com o desenvolvimento econômico e com a cooperação social. Assim, reconhecendo, a diversidade cultural existente nas mais variadas comunidades.

Em que pese o exposto, há de se reconhecer que com o desenvolvimento e o uso intensivo de novas tecnologias, os museus concorrem na disputa pelo público, não só com outros equipamentos culturais – teatros, salas de música, cinema, etc. – mas também com jogos eletrônicos e a internet. A interatividade dos visitantes com as exposições está se tornando uma necessidade no processo museal e pode ser decisiva na atração dos diversos segmentos de público.

Nas cidades que se pretendem globais, os turistas, por exemplo, devem se sentir acolhidos e integrados ao museu, e não como meros expectadores do exótico. Os museus podem fazer o encontro do local e do global nos seus espaços expositivos, selecionando quais objetos e manifestações – artísticas, históricas, religiosas – de sua região e de seu entorno devem ser mostradas. Dessa maneira, os museus podem, simultaneamente, atrair novos públicos nas comunidades e territórios nos quais se localizam e apresentar esse patrimônio, material ou imaterial, ao visitante estrangeiro.

É um desafio para as instituições museológicas como contribuir para o desenvolvimento humano sustentável. Omar (2005) comenta sobre a elaboração de um atlas do patrimônio, em Ethekwini (Durban – África do Sul), para prestar apoio às indústrias culturais da região. As informações são obtidas através de pessoas que possuem os conhecimentos práticos de tecnologias autóctones e são estimuladas a transmitir esses saberes a outros, visando projetos mais permanentes.

Diversas instituições museológicas, principalmente os museus comunitários e ecomuseus, têm sua atuação mais voltada para o território e para as comunidades de seus entornos. No entanto, para que essas iniciativas obtenham sucesso e sejam duradouras, é necessário que haja cooperação entre os diversos agentes – museus, comunidades, organizações governamentais e não-governamentais e as diversas instituições culturais – envolvidos nesse processo, em uma verdadeira e eficiente rede plural.

Na revitalização de áreas degradadas, onde a cultura e seus equipamentos – aí incluídos, os museus – se destacam como elemento central no processo de valorização e ocupação do espaço urbano, estudos apontam que estratégias bem sucedidas contemplam três momentos: motivação, diagnóstico e organização dos agentes. Dependem, ainda, da construção de uma visão comum sobre o futuro da cidade, da formulação de planos locais e da organização de instituições de desenvolvimento local (RIO, 2001; EGLER, 2005).

A política urbana através do processo de intervenção do Estado no espaço urbano visa produzir transformações nos espaços edificados. Como exposto acima, essa disputa - inclusive simbólica - pelo espaço, muitas vezes acaba por provocar a 'expulsão' dos atores que participam da vida cotidiana, surpreendentemente, sob a alegação de que isso se fará em seu benefício. Os projetos de revitalização de áreas portuárias 'globalizadas' realizados e em execução nas mais diversas cidades do mundo possuem características muito semelhantes. A transformação do espaço local em espaço global precisa levar em consideração a cultura local e as relações sociais existentes. A revitalização não pode se resumir à expansão do patrimônio imobiliário, ela também deve ser uma ponte planejada de integração com o espaço social (RIO, 2001).

Para evitar a dominação simbólica do espaço a ser revitalizado é importante a implantação de equipamentos – como museus – que estejam em consonância com a cultura, os desejos e a vocação da população da cidade. Projetos que não tenham legitimidade local ou venham meramente reproduzir modismos importados tendem a ter um efeito negativo sobre a identidade local.

### **Considerações Finais**

O presente ensaio discutiu a tendência atual de apoio aos segmentos culturais utilizando-se a abordagem de aglomeração. A ampliação das políticas com este enfoque parte da constatação que as atividades culturais tendem a se aglomerar em certos locais ou regiões. Estas desenvolveriam uma diversidade de relações sociais, baseadas na complementaridade, na interdependência e na cooperação. Discutiu-se, particularmente, o papel dos museus como instrumentos de coesão social e revitalização urbana.

A principal conclusão, deste artigo, é que os museus, isoladamente, não são capazes de sustentar o desenvolvimento de uma localidade. Faz-se necessário considerar a vocação econômica e cultural do território e de sua população. Os museus a serem criados ou os já existentes devem considerar isso ao desenvolverem suas ações e suas exposições, assim como os empreendimentos a serem implantados e os já em operação. A absorção da mão-de-obra local deve ser pensada. Os museus, para além de sua vocação educativa, podem e devem ser capazes de atrair os diversos públicos, contribuindo para o desenvolvimento cultural, social e econômico dos espaços a serem revitalizados.

Destaca-se a necessidade de uma governança ampla que contemple os diversos setores da sociedade envolvidos, tais como, os agentes públicos, os agentes produtivos e membros da comunidade e do território, mostrando como os museus podem ser relevantes nesse processo.

## Referências

- Amazonas, Archimedes Ribas (2009), *Representações sobre os museus de Salvador : um estudo junto ao público universitário*. Dissertação de mestrado - Salvador : Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia
- Cinti, T. (2008), "Cultural Clusters and Districts: The State of the Art" in: Cooke, P.; Lazzeretti, L. (orgs) *Creative cities, cultural clusters and local economic development*. Edward Elgar Publishing Ltda.
- Dayton-JonhsonJ, Jeff (2000), "What's different about cultural products? An economic framework" Ottawa: Department of Canadian Heritage, Strategic Analysis and Research.
- Duplat, I. C.; Espinheira, C. G. (2006), "Requalificação Urbana: estabelecidos e desafortunados do Centro Histórico de Salvador" in <http://www.gestaoeinovacao.com.br/downloads/cienciassociaisaplicadas/artigos/requalificacaourbana.pdf>. (acedido em 21 Abril 2008)
- Egler, Tâmara (2005), "Políticas Urbanas Para o Espaço Global" *Economia, sociedad y territorio*, Toluca, México, nº17, vol 5, pp. 1-25
- Lima, Evelyn F. W (2001), "Configurações urbanas cenográficas e o fenômeno da "gentrificação"", in [http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq046/arq046\\_03.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq046/arq046_03.asp). (acedido em 10 maio 2006)
- Lazzeretti, L. (2003), "City of art as High Culture Local System and Cultural Districtualization Processes: the cluster of art restoration in Florence", *International Journal of Urban and Regional Research*; vol. 27, n.3, pp. 635-648
- Lazzeretti, L. (2004), "Art cities, Cultural Districts and Museums", Florence: Florence University Press
- Marshall, A. (1982), "Princípios de Economia Política, Tratado Introdutório (Natura non facit saltum)", v. I, cap. VIII, IX, X, XI, XII e XIII. São Paulo: Abril Cultural
- Mommaas, H. (2004), "Cultural clusters and the post-industrial city: towards the remapping of urban cultural policy", *Urban Studies*, v. 41, n. 3, pp. 507-532
- Omar, R. (2005), "Hacer Frente a los Desafíos que Plantea la Diversidad en los Museos de Sudáfrica." in: *Diversidad Cultural y Patrimonio. Museum Internacional*, UNESCO, n.227, pp. 46-53
- Rio, Vicente Del (2001), "Voltando às origens. A revitalização de áreas portuárias nos centros urbanos", in <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp091.asp> (acedido em 10 Maio 2006)
- Santagata, Walter (2002), "Cultural Districts, Property Rights and Sustainable Economic Growth." *International Journal of Urban and Regional. Research* 26:1, pp. 9-23
- Suzigan, W. (1999), "Clusters e sistemas locais de inovação", *Anais do Seminário Internacional*, Campinas: UNICAMP
- Vaz, L. F. (2004), "A "culturalização" do planejamento e da cidade: novos modelos". *Cadernos PPG-AU/FAUFBA*, Salvador, v. 1, pp. 31-42
- Yúdice, George (2004), *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: UFMG